

POR LÓGICAS OUTRAS

Fernando Negri Fracasso

resumo

Este ensaio é produto do grupo de estudos sobre o livro *O anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia 1*, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2011^a), do Laboratório de Estética e Filosofia (LEFA). Ao cruzarmos impressões individuais com a leitura de grupo, chamou-me atenção o quão curioso era a forma como Gilles Deleuze e Felix Guattari utilizaram a psicanálise como apoio aos seus desdobramentos. A forma como os autores utilizaram os conceitos foi perspicaz e demonstram um filosofar na construção de um livro à quatro mãos (oito, vinte, muitas mãos), inovador, destituído de sujeito e na potência da multiplicidade de seus devires. Discorreremos, no presente texto, sobre a busca da lógica das multiplicidades, sobre arte do roubo de conceitos, sobre contornar o pensar hegemônico enraizado e sobre revitalizar os corpos mortificados. Ao fim, um relato da experiência do que até agora tem sido um encontro de afetos positivos com o livro, dos autores e de nosso coletivo de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizoanálise, desejo, anti-Édipo.

abstract

This essay is the product of the group of studies on the book *The anti-Oedipus, Capitalism and Schizophrenia 1* by Gilles Deleuze and Felix Guattari (2011a), from the Laboratory of Aesthetics and Philosophy (LEFA). When we crossed individual impressions with group

reading, it called my attention how curious was the way in which Gilles Deleuze and Felix Guattari used psychoanalysis to support their developments. The way the authors used the concepts was insightful and demonstrate a way to philosophize through the construction of a book with four hands (eight, twenty, many hands), innovative, devoid of subject and in the power of the multiplicity of its becoming. In this text, we discourse about the search for the logic of multiplicities, about the art of stealing concepts, about circumventing ingrained hegemonic thinking, and about revitalizing mortified bodies. At the end, an account of the experience of what until now has been a meeting of positive affections with the book, the authors, and our collective of readers.

KEYWORDS: Schizoanalysis, desire, anti-Oedipus.

ponto de partida

O filósofo Lapoujade, em *Deleuze, os movimentos aberrantes*, de 2015, se refere a obra "O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1" de Gilles Deleuze e Felix Guattari como uma Lógica do Desejo. Para chegar a essa afirmação, Lapoujade parte do que ele identifica em Deleuze como um fascínio por encontrar uma lógica para os movimentos aberrantes que atravessam a matéria, a vida, o pensamento, a natureza, a história das sociedades. Em *O anti-Édipo* (2011a), Deleuze e Guattari constroem, utilizando termos da psicanálise como ponto de partida, novas possibilidades para uma lógica do desejo que não se prenda somente ao romance familiar e não tenham o Édipo como única significação centralizadora. Para poder pensar uma lógica dos movimentos aberrantes, o que está estabelecido como condição de possibilidade do arcabouço teórico do senso científico-filosófico e comum, até então, precisaria ser contornada, e com isso, conseqüentemente, contornar a psicanálise. Para Lapoujade (2015, p. 95): "Afiml, de que estamos doentes? Da própria esquizofrenia como processo? Ou da furiosa neurotização a que nos entregam, e para a qual a psicanálise inventou novos meios, o Édipo e a castração?"

da psicanálise ao truque

Ao trazer o conceito psicanalítico de objetos parciais de Melanie Klein, Deleuze e Guattari (2011a) enxergam nele um caminho para destituir o imperialismo de Édipo. Em um ato de roubo de conceito, os objetos parciais são desvinculados de sua referência ao complexo de Édipo e passam a ter outra potência para os desdobramentos do desejo. Objetos parciais se tornam possibilidades de acoplamentos, novos caminhos para os fluxos, uma vinculação com o mundo, com as raças, com os povos, com os processos de produção, com as máquinas desejanles.

De pouco em pouco, a psicanálise presente ali em *O anti-Édipo* (2011^a) se presta a algo muito maior, muito além do que a doutrina (palavra usada por Freud quando se refere à psicanálise) foi capaz de produzir. Um dos encantos do livro é sentir esse truque, esse *hackeamento* que Guattari e Deleuze (2011^a) articulam. A potência do filosofar dos autores, e muito característico de Deleuze, de não se entregar à resignação para com o sentido do já dito e pulveriza a infertilidade do saber enraizado. O truque de mágica, a malandragem de convocar a própria psicanálise ao seu próprio desvio é digno de um Zé Pilintra. Além de nos mostrarem os becos-sem-fim das abordagens anamnésicas-confessionais dos consultórios psicanalíticos, Guattari e Deleuze nos ensinam a trapacear com estilo e de forma produtiva. O que vale aqui é o programa de desterritorialização, de fabulação, de libertação e desvio. Eis o desvio, palavra que aterrorizou os doutores da alma do início do século XX, se tornou único ato possível frente ao colapso dos projetos da modernidade e suas reminiscências.

Não dizemos que Édipo e a castração nada sejam: somos edipianizados, castrados, e não foi a psicanálise que inventou essas operações às quais ela apenas fornece os novos recursos e processos do seu gênio. Mas será que isso é suficiente para fazer calar o clamor da produção desejan-te: somos todos esquizos! somos todos perversos! somos todos libidos demasiado viscosas ou demasiado líquidas... não por gosto, mas porque somos levados pelos fluxos desterritorializados... (DELEUZE e GUATTARI, 2011^a, p. 94)¹

A rota de fuga encontrada no esquizo pelos autores é o corte do fluxo linear da edipianização massiva e acachapante das subjetividades produzidas pelas interpretações psicanalíticas. Interpretações que contaminavam a cultura ocidental nos anos 1960 e, como afirma Sontag "...escava e, ao escavar, destrói" (SONTAG, 2020, p. 18). Mais do que escavar, desvitaliza todo o demais do poder do desejo, de se articular livremente e criar possibilidades. Significação imposta aos desejos transformando-os em "então era isso que isto queria dizer" (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 94)² e como consequência castrando o corpo, despotencializando-o.

o normal e o desejo

De acordo com Jonathan Ned Katz (1996) o normal para a sexualidade foi determinado por Richard von Krafft-Ebing em sua *Psychopathia Sexualis*, obra de 1886 grande influência na área médica do final do século XIX. O critério para a escolha da sexualidade normal fora o da possibilidade da reprodução da espécie. Pois, até mesmo para Krafft-Ebin, o que ele chamou de hetero-sexual, não correspondia totalmente à normalidade que o autor traçava, já que também se tratava de busca pelo prazer.

1 DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. 2ed. São Paulo: 34, 2011a. p. 94.

2 SONTAG, S. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2020. p.18.

As recomendações de Freud (1996) sobre como manipular esses conceitos da sexualidade na clínica não foram suficientes para que se mantivesse a visão de normalidade reprodutiva diante da sexualidade, como vinha sendo feito pelos sexólogos do final do século XIX. O sexo por prazer passa a ganhar embasamento com Freud em seu conceito de princípio psíquico do prazer (BIRMAN, 2010). Porém, ao qualificar sexualidades como produtos do complexo de Édipo, e nomeando complexo de Édipo normal e invertido, Freud mantém a perspectiva da heteronormatividade compulsória, e dificulta que seus seguidores possam se desfazer desse enlace. Evidência disso que a Associação Internacional de Psicanálise só passa a permitir acesso à formação psicanalítica para pessoas não heteronormatizadas em 1997 no congresso de Barcelona (BULAMAH, 2014).

Tanto Krafft-Ebing, quanto Freud acabam produzindo uma clínica de saberes normativos do desejo. Relação já bastante explorada por Foucault, em sua *História da Sexualidade* e que Caio Souto nos aponta no seguinte trecho:

Ora, uma vez que a instauração desse espaço³ está adstrita a toda uma configuração normativa, tem-se que o nascimento do discurso da medicina com pretensões científicas, que, portanto, visa organizar o saber médico de modo normativo, é ele mesmo produto de uma normatividade: ele é normalizador ao mesmo tempo em que é normalizado. (SOUTO, 2013, p.40)⁴

Édipo como significante despótico

Um significante despótico esmaga todas as cadeias, as lineariza, as bi-univociza, e se serve dos tijolos como se fossem elementos imóveis para uma muralha da China imperial. (DELEUZE e GUATTARI, 2011^a, p. 59)⁵

Nem mesmo para os teóricos pós-freudianos, Édipo deixa de ser o axioma da doutrina psicanalítica. Deleuze e Guattari (2011) citam o conceito de objetos parciais da teoria de Melanie Klein como subutilizado justamente por ter seu eixo de significância incontornável de Édipo. O que foi sua maior invenção, Édipo chega na segunda metade do século XX como o calcanhar de Aquiles da psicanálise. Como que um complexo, dito então universal e essencial do humano, deixa ser capaz de contemplar as pessoas e suas formas de se relacionar com o passar dos anos? Ainda se vê, nas sociedades psicanalíticas, psicanalistas correndo, descabelando-se e gritando o mundo foi tomado por perversos. Incapazes, obviamente, de entender que sua "Psychopathia Sexualis freudista" foi há muito superado e que seus manuais com selo de

3 Nota: Segundo Caio Souto esse espaço é a clínica.

4 SOUTO, C. Norma, anormal e anormal em Canguilhem e Foucault. Anais do Seminário de Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. IX Ed, 2013. p. 40.

5 DELEUZE, G., GUATTARI, F. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. 2ed. São Paulo: 34, 2011a. p. 59.

qualidade da *International Psychoanalytical Association* tendem ao obsoleto em velocidade acelerada. Ao exemplo das análises das noções de gênero binário (BUTLER, 1990) e sexualidade normal (KATZ, 1996), podemos supor que complexo de Édipo freudiano se consolida como uma construção histórica, com data de validade e meia vida radioativa.

Os freudianos acabaram por delimitar o que deveria um corpo. O que o corpo deve ser para poder corresponder ao Édipo e à edipianização do sujeito. O "então era isso que isto queria dizer..." (DELEUZE e GUATTARI, 2011^a, p. 94)⁶. Dentro desse resultado, o corpo passa a ser a extensão dessa essência edípica incontornável. Felizmente, para contrapor o dever do corpo, Deleuze resgatou Espinosa para nos alertar sobre onde estávamos nos perdendo.

O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer (ESPINOZA, 2009, n.p.)⁷

A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado (DELEUZE, 2017, p. 147)⁸

o escrever esquizo

O esquizo que dribla Édipo é o escritor que contorna as ideias enraizadas sobre o mundo. A obra de Deleuze e Guattari nos entrega o produto de uma ética, de uma estratégia que nos fica mais clara quando nos apresenta *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia 2* (2011b), quando aborda o fazer rizoma, do mal das "árvores na cabeça" que alimenta a territorialização engessada do pensar. A experiência de ler *O anti-Édipo* (2011^a) é a de praticar um exercício de decomposição; de reencontrar termos já conhecidos e se perguntar como eles puderam tanto nesse livro se já estavam tão despotencializados nas mãos de seus usuais recitadores; de se perguntar sobre o que mais pode um corpo, o que mais pode uma escrita, o que mais pode a filosofia. A partir disso, repensar os modos de traças linhas no mundo e que se é preciso a destruição, destruiremos, pois nossos corpos estão potentes para reconstruir mundos melhores. As lógicas dos movimentos aberrantes estão ao nosso redor e nos atravessam para serem encontradas, sentidas, acopladas, mantidas ou descartadas. E esse é um movimento infinito.

6 DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. 2ed. São Paulo: 34, 2011a. p. 94

7 ESPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (n. p.)

8 DELEUZE, G. *Espinosa e o Problema da Expressão*. São Paulo: 34, 2017.

referências

- BIRMAN, J. A sexualidade na berlinda. in PRATA, M. R. *Sexualidades*. Rio de Janeiro: Contra-Capa. 2010. 15-26.
- BULAMAH, L. C. *História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. 2014. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, SP.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- DELEUZE, G. *Espinosa e o Problema da Expressão*. São Paulo: 34, 2017.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. 2ed. São Paulo: 34, 2011a.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. 2ed. São Paulo: 34, 2011b.
- ESPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- KATZ, J. N. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. 2ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- SONTAG, S. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- SOUTO, C. *Norma, anormal e anormal em Canguilhem e Foucault*. Anais do Seminário de Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. IX Ed, 2013.